

Bloco Sul

Quadrinhas populares

Quadrinhas são as quadras populares, estrofes compostas por quatro versos, que geralmente possuem rima no 2º e no 4º verso. Costumam ser recitadas pelas crianças durante as brincadeiras ou em desafios de memorização. As quadrinhas podem ter tema amoroso, serem engraçadas, ou mesmo não fazerem muito sentido. Algumas quadrinhas recolhidas na região Sul apresentam o cotidiano típico dessa região do país.

Quadrinhas populares da região Sul

Dizem que o mate afoga
As mágoas do coração,
Mate sobre mate tomo,
E as mágoas boiando vão.

Quadrinha popular.

Montei meu cavalo zaino*,
Vermelho cor de pinhão,
Fui à casa da morena,
Nem me deu um chimarrão!

Quadrinha popular.

Quem tem pinheiro tem pinha,
Quem tem pinha tem pinhão,
Quem tem amor tem carinho,
Carinho no coração.

Quadrinha popular.

*zaino: cavalo sem manchas.

Orientações didáticas

Antes de realizar a leitura da quadrinha, organizar a sala em roda para facilitar a interação e a comunicação entre as crianças. Reescrever as quadrinhas na lousa ou em um papel *kraft*. Conversar com a turma sobre esse gênero textual que faz parte da tradição oral, presente em canções de ninar, cantigas, desafios ou brincadeiras. O texto pode ser repetido, ouvido e falado. Perguntar se as crianças conhecem alguma quadrinha e pedir que recitem aos colegas.

Realizar a leitura do texto e pedir à turma que a acompanhe, apontando as palavras no cartaz ou na lousa. Com essa estratégia, as crianças começam a perceber a relação entre o que é lido e o que é escrito. É interessante repetir a leitura, pedindo que identifiquem as palavras que rimam e marcando-as no texto. A turma perceberá a estrutura desse gênero textual (estrofes compostas por quatro versos, que geralmente possuem rima no 2º e no 4º verso).

Propor a análise das quadrinhas observando alguns aspectos do texto.

1. Qual o tema de cada uma das quadrinhas?

Espera-se que a turma comente que as quadrinhas têm um tema amoroso. Explorar cada uma individualmente para que o percebam.

2. Quais são as palavras que rimam? O que elas têm em comum?

Organizar as crianças em grupo e apresentar uma lista de palavras para que elas encontrem outras que rimem. Essa atividade pode favorecer a escrita de novas quadrinhas.

Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatujas e, à medida que vão conhecendo letras, em escritas espontâneas, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como representação da oralidade.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Proposta preliminar. Terceira versão. Brasília, DF: MEC, 2017.

Com a turma toda, apresentar as palavras que rimam e propor a criação de novas quadrinhas coletivamente. As quadrinhas criadas poderão ser registradas em cartazes pelo professor agindo como escriba.

Lenda – Teiniaguá

Salamanca do Jarau ou Teiniaguá é uma lenda do Rio Grande do Sul. O Teiniaguá é um ser fabuloso em forma de teiú, um tipo de lagarto. A lenda contada no Sul do país pode ter origens em outras histórias, como no livro *A tentação de Santo Antão*, de Flaubert, em que também havia um lagarto com um carbúnculo encantado na testa que, em todos os séculos, ao cair de amadurecido, fazia despertar o lagarto. A Salamanca do Jarau que, na lenda gaúcha é uma gruta que fica no cerro do Jarau, na fronteira com o Uruguai, também é mencionada em outras histórias, principalmente na Espanha, onde é comum a expressão “covas de Salamanca”, referindo-se a lugares com segredos maravilhosos; ou apenas “salamancas”, em toda a América Ibérica, como pontos em que se escondem ouro e joias.

Teiniaguá

A lenda conta que Teiniaguá é uma moça encantada na forma de um lagarto escuro, o teiú. Ele carrega no alto da cabeça uma pedra cintilante e preciosa com poderes mágicos, chamada de carbúnculo, que o deixa com a cabeça luminosa. O Teiniaguá vive numa gruta mágica, cheia de tesouros, conhecida como Salamanca do Jarau. Apesar do encantamento, todas as noites ele consegue voltar a sua forma original, transformando-se novamente em mulher.

Contam que, um dia, certo rapaz que trabalhava na igreja conseguiu pegar o Teiniaguá e o levou para casa. À noite, o jovem sacristão se deslumbrou quando viu o animal transformar-se numa linda mulher. Ele apaixonou-se de imediato. Abandonou a vida que levava e foi viver com Teiniaguá em sua gruta cheia de riquezas. Dizem que até hoje o rapaz vive com sua mulher encantada na Salamanca do Jarau. Graças à mágica do lugar, ele não envelhece e permanece guardando os tesouros da gruta.

Domínio público.

Orientações didáticas

1. Quem conhece a lenda do Teiniaguá? Ouvir os comentários dos alunos e depois propor a leitura.

Antes de realizar a leitura, preparar previamente o material para as crianças confeccionarem uma varinha mágica (sugestão: palitos de churrasco, fitas, pedaços de EVA cortados em forma de estrela ou coração, canetinhas coloridas e outros materiais) e organizar o espaço para essa atividade artística.

Comentar com a turma que as lendas são histórias que resgatam a cultura folclórica e são contadas pelas pessoas e transmitidas de geração em geração. Depois, perguntar:

Após a leitura do texto, conversar com a turma e discutir alguns aspectos importantes da história.

1. O que é o Teiniaguá e onde vive?

2. O que faz o Teiniaguá ter poderes mágicos?

Espera-se que comentem que é a pedra preciosa no alto de sua cabeça, chamada de carbúnculo. Fazer uma rápida descrição dessa pedra preciosa: seu nome significa “vermelho como brasa”; a pedra tem cor vermelha, voltada mais para a tonalidade castanha; é usada em joias, como brincos, anéis e pingentes para correntes.

1. Quais personagens que você conhece também têm poderes mágicos?

2. Elas possuem algum objeto para realizar as magias?

Espera-se que as crianças se lembrem do uso da varinha mágica em diversos contos infantis. Propor às crianças a confecção de uma varinha mágica.

Varinha mágica

Materiais:

- Palitos de churrasco
- Cartolina colorida
- Tintas ou durex colorido
- Fitas coloridas

Como montar a varinha:

Cortar as pontas dos palitos de churrasco e pintá-los. Também é possível encapar o palito com durex colorido.

Desenhar, na cartolina colorida, estrelas, nuvens ou outro formato que as crianças desejarem. Depois, recortar e colar na ponta do palito e decorar com fitas.

Assim que a atividade for concluída, elas poderão realizar uma brincadeira com a varinha mágica.

Estimular a imaginação das crianças perguntando o que elas fariam se tivessem poderes mágicos, como o Teiniaguá.

A participação e as transformações introduzidas pelas crianças nas brincadeiras devem ser valorizadas, tendo em vista o estímulo ao desenvolvimento de seus conhecimentos, sua imaginação, criatividade, experiências emocionais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Proposta preliminar. Terceira versão. Brasília, DF: MEC, 2017.

O Boi e a Bernunça

Boi de mamão é o festejo popular em Santa Catarina e em algumas regiões do Paraná, o qual já foi chamado de bumba meu boi e Boi de pano. Por meio da música, dramatização e dança, o boi de mamão conta a história do boi ressuscitado (ou curado). Trata-se de uma versão do auto do bumba meu boi do Nordeste brasileiro, adaptado à cultura local. No bumba meu boi, há o casal de escravos Catirina e Pai Francisco, personagens responsáveis pela morte do boi predileto do fazendeiro. No **Boi de mamão**, a história pode ser parecida com o casal, sendo Catarina e Mateus. É mais comum, no entanto, o vaqueiro Mateus ser um ajudante cômico do médico que vai curar o boi, que apenas adoeceu.

As demais personagens e as cantigas que as acompanham podem variar, mas em geral são: o urubu, que vem cutucar o boi; o feiticeiro (ou o doutor, ou mesmo o padre); o cavalinho, que vem espantar o urubu; a cabra (ou cabrinha); a Maricota (ou Tirolesa, ou Negra Mariana) – mulher gigante que esbarra os braços compridos no público e que é esposa do pequeno Zé Bernardo; e, além do boi malhado, a protagonista da brincadeira mais esperada da festa: a Bernunça (ou Bernúncia).

A Bernunça é uma espécie de bicho-papão, que acabou invadindo a brincadeira do boi de mamão de Santa Catarina. Responsável por misturar medo e diversão, a Bernunça chega acompanhada de uma cantiga que pede para as pessoas correrem:

*Olê, olê, olê, olê, olá
Arreda do caminho
Que a Bernunça quer passar*

Cantiga popular.

Assim como o boi, a Bernunça é feita de uma armação de madeira coberta com pano colorido. Embaixo, ficam os dançadores, que serpenteiam o corpo do animal, abrem e fecham sua enorme boca, cheia de dentes, geralmente feita de papelão. Quem é envolvido pela Bernunça passa a fazer parte do corpo dela, entrando na dança.

Orientações didáticas

Conversar com as crianças sobre as diversas festas folclóricas da região que evidenciam a cultura popular por meio de danças, músicas, brincadeiras, histórias, dramatizações etc.

Perguntar:

Que festas folclóricas vocês conhecem?

Quem já foi a uma festa folclórica? Como era a festa?

Tinha dança, música ou pratos típicos?

É importante saber o conhecimento prévio da turma e promover a socialização das experiências vivenciadas.

A Educação Infantil é a etapa em que as crianças estão se apropriando da língua oral e, por meio de variadas situações nas quais podem falar e ouvir, vão ampliando e enriquecendo seus recursos de expressão e de compreensão, seu vocabulário, o que possibilita a internalização de estruturas linguísticas mais complexas.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Proposta preliminar. Terceira versão. Brasília, DF: MEC, 2017.

Após a leitura do texto, conversar com as crianças sobre algumas questões importantes.

1. Quem já conhecia a Bernunça e sua cantiga? Por que essa brincadeira foi inspirada na festa folclórica **Boi de mamão**?

Espera-se que elas façam a relação da festa com a brincadeira.

2. De acordo com o texto, como essa brincadeira é realizada?

Levar as crianças- para a área externa da escola e propor a realização da brincadeira. Escolher duas delas para serem os dançadores, e as demais devem fugir para não serem envolvidas pela Bernunça.

Para finalizar, as crianças podem sentar em roda, e propor um momento para conversarem sobre a brincadeira realizada.

Mamãe, quero doce

Mamãe, quero doce é uma variação da brincadeira de pegar, no Rio Grande do Sul. Há lugares no Sul e no resto do país em que a brincadeira é conhecida como **Mamãe, chocolate**. Em ambas há uma introdução antes de o pegador correr atrás das outras crianças. Geralmente, as brincadeiras de pegar recebem variação no nome do pegador e do fugitivo, ou em relação a algumas regras, como formas de salvamento, mas, no caso de **Mamãe, quero doce**, é o diálogo inicial que marca e envolve a dramatização, além da correria de sempre.

Como brincar:

- Uma criança será escolhida para ser a mãe, enquanto todas as outras serão os filhos. Os filhos começam o diálogo:
 - Mamãe, quero doce!
 - Agora não, vou sair.
- A mãe sai com as mãos para trás, carregando uma chave. Um dos filhos rouba a chave, volta, abre um armário e devolve a chave na mão da mãe sem ela perceber. A mãe volta e pergunta:
 - Cadê o doce que estava aqui?
 - Lá no alto! — os filhos respondem.
 - Aqui?
 - Mais alto!
 - Não consigo pegar.
 - Pega uma cadeira, mamãe.
 - E se eu cair?
 - Te rala! — gritam todos os filhos e saem correndo.
- A mãe corre atrás dos filhos e quem ela pegar será a próxima mãe, ou pai, caso seja um menino.

Orientações didáticas

Antes da leitura, providenciar uma chave para a realização da brincadeira (pode ser uma chave de brinquedo, uma confeccionada para a ocasião ou uma comum) e o material para a produção artística. Explorar o repertório das crianças sobre brincadeiras de pegar:

1. Quem já brincou de pega-pega?

2. Que outras brincadeiras parecidas com o pega-pega você conhece?

Poderão surgir algumas variações da brincadeira (pega-pega corrente, pega-vela, pique-pega, pega-gelo, pega-pega aranha e outras). Escolher algumas das crianças para descrever como se brinca de pegar e para relatar como foi a experiência vivenciada. Perguntar quem conhece a brincadeira **Mamãe, quero doce**.

Após a leitura, conversar sobre o texto, evidenciando a interpretação do diálogo para compreensão do modo de brincar. Pedir que algumas crianças contem o que entenderam do texto, como se brinca de **Mamãe, quero doce**. Promover a participação da turma toda a fim de garantir que todas as etapas da brincadeira foram relatadas. É possível até fazer uma dramatização da brincadeira com algumas delas para maior compreensão de todos. O objetivo de aprendizagem e desenvolvimento dessa estratégia é recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente a encenação, de acordo com a proposta da brincadeira.

Levar as crianças para um espaço amplo, apresentar a chave e propor a realização da brincadeira com as mímicas e dramatização.

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e brincadeiras entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a medição das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Proposta preliminar. Terceira versão. Brasília, DF: MEC, 2017.

Para finalizar, a turma poderá fazer o registro da brincadeira confeccionando desenhos e colagem. O doce pode ser elaborado com papéis coloridos ou recortes de revistas. Cada criança poderá explicar a representação da brincadeira mostrando seu trabalho artístico aos colegas. Essa etapa oportuniza a expressão livre por meio de desenhos, pintura e colagem, além da expressão das ideias por meio de linguagem oral.

Bolinha de gude

A **bolinha de gude** (ou bila, bolita etc.) é um brinquedo muito antigo, conhecido desde a Roma Antiga. O poeta Ovídio, no século II, já havia escrito sobre a brincadeira. A bolinha foi feita de vários materiais no decorrer dos tempos, como argila, aço, pedra, plástico e, claro, vidro. No Brasil, as bolinhas trazidas pelos portugueses foram chamadas de bolinhas de gude. Gude é o nome de pedrinhas redondas e lisas retiradas de leitos de rios. As brincadeiras com essas bolinhas são várias, inclusive os nomes que possuem: caçapinha, fubeca, peteleco, triângulo, buracão, entre outros.

Bolija é um dos nomes da bolinha de gude, encontrado na cidade de Jaguarão, no Rio Grande do Sul. Assim como na brincadeira “buracão”, na bolija as crianças primeiro fazem um buraco no chão de terra, chamado de “imbar”. O diâmetro é bem menor, como o buraco de golfe.

Depois, todos devem tomar a mesma distância e atirar as bolijas com o dedo polegar, dando impulso no indicador, tentando chegar o mais próximo possível do imbar. Quem cair mais perto é o primeiro a jogar, e assim por diante. Quando alguém acerta o imbar, ganha o direito de “nicar” os companheiros, que significa acertar a bolija dos demais. Se acertar, ganha a bolija do colega e ele terá de sair da brincadeira. Ganha quem tiver mais bolijas.



Clara Gavilan

Menino brinca com bolinha de gude.

Orientações didáticas

Antes de realizar a leitura das regras do jogo, providenciar as bolinhas de gude (poderão ser adquiridas pela escola ou enviadas pelos responsáveis). Preparar um cartaz com algumas palavras do texto para que a turma crie um glossário com a interpretação dos conceitos – as definições poderão ser expostas na sala. Depois, perguntar:

1. Quem já brincou com bolinhas de gude?
2. Que tipo de brincadeiras é possível fazer com as bolinhas?
3. Quem tem bolinhas de gude em casa?

Após a leitura dos textos, falar com as crianças a respeito de alguns aspectos importantes: O texto menciona que a bolinha de gude é conhecida como bolija em uma cidade do Rio Grande do Sul; você conhece outros nomes dados à bolinha de gude?

De acordo com o texto, como se brinca de buracão? Escolher algumas das crianças para comentar o que entenderam da explicação oferecida pelo texto que explica a brincadeira. Solicitar a participação da turma e realizar as intervenções necessárias a fim de garantir a compreensão das informações.

Na brincadeira, o que significa “imbar” e “nicar”?

Propor a elaboração de um glossário com algumas palavras do texto: bolija, imbar e nicar. As crianças explicarão com suas palavras a definição dos conceitos e o professor poderá ser o escriba para fazer o registro no cartaz.

Levar a turma para um espaço apropriado da escola, dividi-la em grupos e disponibilizar as bolinhas para realizarem a brincadeira. As crianças poderão usar a criatividade e formar diferentes desenhos no chão e criar obstáculos a fim de dificultar as jogadas. Retomar as regras da brincadeira para que compreendam que não participarão mais quando sua bolinha for acertada.

No âmbito psicomotor, a brincadeira buracão propicia o desenvolvimento da coordenação motora fina, pois a criança precisa de certa destreza para executar o movimento e acertar o buraco; desenvolve também a noção de espaço e a agilidade.

Para finalizar, pedir às crianças que compartilhem oralmente suas impressões sobre a brincadeira. Organizar as crianças em roda e conversar sobre como foi brincar de buracão, como se sentiram, do que gostaram e do que não gostaram.

Lenda da erva-mate

A **erva-mate** é uma planta endêmica da região Sul do Brasil e de alguns países vizinhos. Os seus frutos alimentam várias espécies de pássaros, que contribuem para que ela continue brotando (as sementes são devolvidas à terra depois que essas aves as expelem nos dejetos). A erva-mate era usada pelos indígenas guaranis na região da bacia dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai antes mesmo da chegada do homem branco. Eles utilizavam o tacuapi (bomba primitiva feita de taquara) para tomar uma bebida que chamavam de caá-y, hoje conhecida como chimarrão.

A lenda da Erva-mate

Numa região de florestas do Sul do Brasil, um grupo de indígenas comemorava a grande caçada ocorrida naquele dia, com muita comida e bebida. Entre eles estavam os grandes guerreiros Piraúna e Jaguarê. Ambos eram muito fortes e colecionavam vitórias nas lutas contra os inimigos.

Os dois jovens iniciaram uma discussão boba, mas que foi tornando-se cada vez mais séria. Jaguarê, usando um tacape, desferiu um golpe mortal em Piraúna. Revoltados com o gesto de Jaguarê, os indígenas o amarraram e chamaram o pai do guerreiro falecido, o sábio Curuaçu.

O velho acreditava que a maldade tinha sido cometida por Anhangá, o espírito mau, que dominara a razão de Jaguarê. Decidiu, no entanto, que o acusado deveria abandonar a comunidade e viver sozinho o mais longe possível.

No caminho, Jaguarê já se arrependia de ter matado o amigo e tomou consciência da gravidade de seu castigo. Achou que viver na solidão seria pior que a morte.

O tempo passou, Jaguarê foi esquecido por todos.

Um dia, um grupo de indígena que caçava acabou se distanciando muito da comunidade. Encontraram uma cabana no meio da mata, onde vivia um homem forte, de aparência jovem, mas com cabelos brancos. Ele os recebeu com alegria e foi muito gentil, servindo-lhes uma bebida de sabor marcante. O grupo perguntou por que o velho vivia sozinho naquela mata.

Ele então contou que era Jaguarê. E que, depois que foi expulso da comunidade, pensou em se entregar à morte. Jogou-se no chão e assim ficou por muito tempo. Até que lhe apareceu Caá-lari, deusa protetora dos ervais. Ela se compadeceu do destino do indígena e mostrou a Jaguarê uma erva desconhecida. Ensinou-o a cultivá-la e a partir dela preparar um delicioso chá. A bebida o deixaria com o corpo mais forte e a mente mais clara. A deusa pediu apenas que Jaguarê transmitisse aqueles ensinamentos adiante.

E foi desse jeito que os indígenas do Brasil passaram a usar o caá, a erva-mate, para preparar a deliciosa bebida a que chamaram caá-y.

Domínio público.

Orientações didáticas

Antes da leitura, providenciar uma muda de erva-mate para apresentar às crianças e os ingredientes para o preparo do chá.

Mostrar a muda à turma e conversar sobre a importância dessa planta. Sabe-se que essa erva é utilizada em vários segmentos na indústria alimentícia, como base para a fabricação de diversos alimentos, além de ser empregada no segmento de cosméticos.

Comentar que será realizada a leitura de uma lenda que conta, de maneira narrativa, como surgiu a erva-mate.

Fazer, então, a leitura da lenda. Depois, propor que as crianças recontem a lenda. O professor servirá de escriba registrando o texto em papel *kraft* que pode ser exposto na sala de aula. As crianças podem criar as ilustrações com desenhos e colagens. Para finalizar a atividade, oferecer um chá de erva-mate para as crianças degustarem.

Ouvir a leitura de textos pelo professor é uma das possibilidades mais ricas de desenvolvimento da oralidade, pelo incentivo à escuta atenta, pela formulação de perguntas e respostas, de questionamentos, pelo convívio com novas palavras e novas estruturas sintáticas, além de se construir em alternativa para introduzir a criança no universo da escrita.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Proposta preliminar. Terceira versão. Brasília, DF: MEC, 2017.

Chimarrão

Chimarrão é o nome da bebida típica da região Sul, feita com a erva-mate moída que se toma em uma cuia. É popular também em países como Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile. Diferente do chá-mate, que pode ser até industrializado, o chimarrão tornou-se uma tradição muito forte no Rio Grande do Sul, da qual os gaúchos têm muito orgulho.

Em razão disso, criou-se até uma espécie de “manual de etiqueta” para tomar chimarrão, ou como é dito por lá: matear. Além da bebida em si, orgulhosamente ainda preparada de maneira artesanal, faz parte da tradição os apetrechos usados para preparar o mate, ou os “avios do chimarrão”, sendo os principais: a cuia, que pode ser de porongo (material mais usado na confecção de cuia) e deve ser curtida antes de usada pela primeira vez, e a bomba, hoje produzida com materiais muito mais resistentes e higiênicos do que o tacuapi indígena, como o metal.

Orientações didáticas

Antes da leitura, preparar o material para a confecção de um cartaz e propor uma conversa sobre a culinária, que demonstra uma tradição.

Explicar às crianças que cada região tem suas comidas típicas, heranças de uma tradição cultural. Podemos degustar um prato ou uma bebida típica em festas populares, em comemorações ou na rotina da família.

Perguntar:

1. Quais comidas e bebidas típicas da nossa região vocês conhecem?

Elas propiciam socialização e promovem momentos agradáveis de convivência. O texto que vamos ler “Como não fazer feio na roda de mate” nos ensina a tomar o chimarrão e a desfrutar de uma boa convivência com os amigos.

Há três maneiras de tomar chimarrão. A primeira seria no estilo “mate solito”, para tomar o chimarrão sem companhia. Há quem prefira o “mate de parceria”, pois saboreia sua bebida na companhia de um ou dois amigos. E, por fim, a “roda de mate”, que é o ponto alto da tradição, em que várias pessoas apreciam o mate da mesma cuia, passando de um em um. A roda de mate funciona da seguinte forma:

- Ao chegar na roda de mate, a pessoa deve se posicionar antes do mateador, isto é, a pessoa que está mateando deve estar à sua direita.
- Sempre usamos a mão direita para receber ou entregar a cuia de mate.
- O cevador (quem prepara o mate) é o primeiro a tomar. Embora não pareça, é um sinal de respeito aos demais, já que houve uma época em que ocorriam envenenamentos.
- Se quiser homenagear alguém ilustre ou mais velho na roda, deve-se “fechar um novo mate”, ou seja, preparar um novo chimarrão. Mas esta pessoa também só tomará depois do cevador.
- Não é educado mexer na cuia ou na bomba, ou ajeitar o montinho de mate que possa estar tombando da cuia. O correto é devolver a quem preparou.
- Os participantes da roda devem tomar o mate até o final, fazendo roncar a cuia.

Realizar a leitura, promover uma conversa para compreensão das informações do texto e propiciar momentos de reflexão sobre convivência e regras. É importante que as crianças consigam estabelecer relação de comparação entre objetivo e assunto do texto e as situações de convívio na escola. Conversar com elas sobre alguns aspectos do texto:

1. O texto apresenta três maneiras de tomar o chimarrão. Quem pode nos contar quais são as maneiras?

Espera-se que as crianças relatem o “mate solito”, o “mate de parceria” e a “roda de mate” com as próprias palavras.

2. O que faz o mateador e o cevador na roda de mate?

3. Quem se lembra de algum cuidado que se deve tomar na roda de mate?

Nesse momento, encorajar a participação das crianças; elas podem complementar informações trazidas por outras e o professor pode realizar intervenções para garantir a apresentação das informações oferecidas no texto.

1. Que atitudes de respeito e homenagem são evidenciadas nessas dicas?

2. Como podemos usar esses ensinamentos na convivência com os amigos, professores e comunidade escolar?

Propor a criação de um cartaz com algumas dicas importantes de convivência com os colegas no ambiente escolar. A turma pode sentar em grupos para discutir as informações; cada grupo poderá relatar o que acha mais importante para uma convivência harmoniosa e o professor realizará o registro das informações.

Lenda do Boitatá

Boitatá é a história da cobra-grande, a boiguaçu (em tupi, *m'boi* quer dizer “cobra”, e *guaçu*, “grande”) que se transformou num monstro de fogo (*boitatá*, do tupi, que significa “cobra de fogo”). A origem da lenda se explica pelo fogo-fátuo, luz emanada pela decomposição de substâncias animais, geralmente em pântanos e cemitérios. A imaginação popular atribuiu à cobra de fogo aquele rastro cintilante que se deslocava, serpenteando como uma cobra luminosa. Essa lenda é atribuída à região Sul pelos relatos lá coletados para o livro **Geografia dos mitos brasileiros**, de Câmara Cascudo e Simão Lopes Neto.

Boitatá

Houve uma vez, no início do mundo, uma noite tão longa que parecia não ter mais fim. E então choveu sem parar, alagando todas as casas e até as montanhas. A maioria dos animais morreu, menos a boiguaçu, ou cobra-grande, que conseguiu se enroscar na árvore mais alta que encontrou, ali ficando até a água começar a baixar. Saindo dali, morta de fome, começou a comer os olhos dos animais mortos. Como havia muitos, ela não se dava ao trabalho de comer outras partes dos animais, apenas comia os olhos e tomou gosto por isso.

Contam que todos os seres vivos que possuem olhos mantêm neles a última luz que viram em vida. Dessa maneira, a boiguaçu comeu tantos olhos que foi ficando brilhante. Mas o brilho era de uma luz fria, azulada. Quando os indígenas a viram assim, não a reconheceram e passaram a chamar o bicho de boitatá.

A boitatá continuava comendo olhos e se esticando, e ficando cada vez mais cheia de luz, até que acabou arrebentando e dando origem às estrelas. No fim da explosão, surgiu uma faixa de luz e, logo depois, a bola do sol, que subiu ao céu trazendo finalmente o dia e dando fim àquela noite interminável. Quando nasceu o dia, a boitatá nasceu novamente.

No verão, a boitatá percorre as campinas em busca de mais olhos para comer, iluminando por onde passa. Quem a encontrar, pode ficar cego se a olhar diretamente. Há quem diga que a melhor maneira de fugir da boitatá é fechando os olhos e ficando sem se mexer nem respirar, até que ela vá embora.

Domínio público.

Orientações didáticas

Levar as crianças para um espaço amplo e sentar em roda para conversarem sobre as lendas conhecidas. As lendas são histórias contadas pelas pessoas e apresentam acontecimentos misteriosos, mesclando situações reais com fatos imaginários. Resgatam a cultura folclórica e a apreciação pela leitura.

1. Que lendas vocês conhecem?

A turma poderá mencionar o conhecimento de algumas lendas folclóricas, como **Mula sem cabeça, Saci-Pererê, Negrinho do Pastoreio, Caipora e Curupira**, entre outras.

2. Vocês conhecem a história do Boitatá?

Realizar a leitura do texto **Boitatá** e conversar com as crianças sobre alguns aspectos importantes.

1. O que aconteceu no início do mundo, que todos os animais morreram, menos a boiguaçu?

2. Por que a boiguaçu passou a ser chamada de “bicho de boitatá”?

3. O que a boitatá fez que deu origem às estrelas e terminou com a escuridão da noite?

Para finalizar, pedir que criem uma representação da história que pode ser um desenho, uma pintura, uma colagem ou uma escultura.

Bilboquê

Bilboquê, também conhecido em Santa Catarina como **biloquê**, é um jogo muito antigo, que consiste em tentar espetar, com o movimento da mão, uma bola com furo num pequeno bastão amarrado a ela. Acredita-se que tenha sido inventado na França, pois, além do nome de origem francesa, sabe-se que o bilboquê era comercializado nesse país no século XVI. Esse brinquedo tem perdido a popularidade, como outros de tipo artesanal, mas ainda faz sucesso entre as crianças de comunidades indígenas, que costumam construir vários de seus brinquedos, e entre a criançada que tem aprendido a reaproveitar embalagens para confeccionar brinquedos.

Como construir um bilboquê

Materiais:

- 1 garrafa PET
- Fita adesiva
- Barbante
- Papel de revista e jornal

Como montar o bilboquê:

Pegue uma garrafa PET vazia e corte-a ao meio com ajuda de um adulto. Usaremos para o brinquedo a parte de cima da garrafa, com a tampa. Passe a fita adesiva na borda da garrafa, fazendo um acabamento para não machucar os dedos.

Depois, faça uma bolinha com papel amassado, passando bastante fita adesiva nela para não soltar. Prenda um pedaço de barbante na bolinha e a outra ponta na tampa da garrafa.

Para brincar, basta sacudir a garrafa para cima, tentando fazer que a bolinha entre na garrafa.

Orientações didáticas

Antes de realizar a leitura, pedir aos responsáveis para enviarem uma garrafa PET com a tampa, vazia e higienizada. Providenciar com antecedência o corte da garrafa, as fitas adesivas e o barbante. Preparar um espaço adequado para a construção do brinquedo.

Após a leitura, conversar com as crianças sobre o bilboquê e sobre as características desse texto instrucional. Para realizar a construção desse brinquedo, será preciso seguir as orientações passo a passo, por exemplo.

Para auxiliar na confecção, as crianças podem assistir ao vídeo do *link* a seguir:

- **Como fazer um brinquedo de garrafa PET – Bilboquê:** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UVaUKrr_I00>. Acesso em: 26 jan. 2018.

Conversar com a turma solicitando uma comparação entre as informações apresentadas no texto e no vídeo para a construção do brinquedo:

1. Os materiais são semelhantes?
2. As orientações são parecidas?
3. Que diferenças você percebeu entre as duas propostas para a confecção do bilboquê?

Propor a construção do brinquedo com a turma. É possível retomar a leitura dos textos a fim de verificar se todos os materiais necessários estão disponíveis e para orientar a turma, passo a passo. É importante acompanhar o desenvolvimento da atividade e realizar as intervenções necessárias para ajudá-las. Para finalizar, as crianças poderão brincar com o bilboquê na área externa da escola.



Rizvisual/Shutterstock.com
Bilboquê de madeira.

Pau de fitas

Pau de fitas é uma dança folclórica simples, assemelhando-se mais a uma brincadeira do que propriamente a uma dança, pois não precisa de uma música específica. É geralmente acompanhada de sanfona, violão e pandeiro, e os dançarinos fazem zigue-zagues em torno de um mastro no qual as fitas vão sendo enroladas. A vestimenta dos dançarinos lembra a das quadrilhas: as mulheres usam vestidos com estampas alegres e flores no cabelo e os homens usam chapéu e camisa quadriculada ou xadrez. A dança foi trazida para o Brasil por portugueses e espanhóis, e no Sul do país tornou-se tradicional em muitas festas típicas, como o boi de mamão.

Como dançar o pau de fitas

Para dançar o pau de fitas, precisa haver um número par de dançarinos, uma longa fita de cetim para cada participante, e um mastro alto, de uns 3 metros de altura.

As fitas devem ficar presas no topo do mastro e cada dançarino segurar uma fita pela outra ponta. A coreografia pode ser simples, com os dançarinos girando para o mesmo lado, ou as mulheres para um lado e os homens para o outro, fazendo zigue-zagues.

De acordo com a coreografia, pode-se fazer diferentes trançados com as fitas no mastro. Em Santa Catarina são comuns os desenhos Tramadinho, Trenzinho, Zigue-zague, Zigue-zague a dois, Feiticeira e Rede de Pescador.

Orientações didáticas

Antes da leitura, preparar previamente o mastro enfeitado com longas fitas multicoloridas e a música que acompanhará a brincadeira. Organizar a turma em roda para conversarem sobre a importância da dança. A dança proporciona a expressão de emoções e sentimentos, permite o reconhecimento do corpo, combina movimento e ritmo. Com ela desenvolvemos os sentidos, como a visão, o tato e a audição. É uma arte utilizada para se divertir e para interagir com outras pessoas. Perguntar:

1. Qual tipo de música você gosta de dançar?
2. Sua família gosta de dançar?
3. Quem conhece uma dança folclórica chamada **Pau de fitas**?
4. Contar para a turma como é esse tipo de dança.

Após a leitura dos textos, retomar os aspectos e características dessa dança perguntando como dançar o “pau de fitas”. Solicitar a participação da turma na descrição da dança.

As crianças podem experimentar essa dança com propostas diferentes. Podem desenvolver a coreografia como uma ciranda, girando ao redor do mastro. E podem fazer passos alternados, com zigue-zague, enquanto giram para que seja feito um trançado das fitas no mastro.

[...] Com o corpo (por meio dos sentidos, gestos, movimentos impulsivos e intencionais, coordenados ou espontâneos), as crianças, desde cedo, exploram o mundo, o espaço e os objetos do seu entorno, estabelecem relações, expressam-se, brincam e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se, progressivamente, conscientes dessa corporeidade. [...]

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Proposta preliminar. Terceira versão. Brasília, DF: MEC, 2017.

Para finalizar, conversar com as crianças sobre como foi essa experiência e o que acharam dessa dança. Vale ressaltar que essa proposta de atividade pode ser utilizada por elas na apresentação da festa junina ou em outras festividades da escola.

Referências bibliográficas

- AZEVEDO, Ricardo. **Cultura da terra**. São Paulo: Moderna, 2008. p. 12-13; 25.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. p. 129; 688; 743.
- ENREDO. **Boi de mamão**: a brincadeira de reviver nossas origens. 4 fev. 2015. Disponível em: <www.enredoconteudocriativo.com.br/single-post/2015/02/04/Boi-de-Mam%C3%A3o-a-brincadeira-de-reviver-nossas-origens>. Acesso em: 31 jan. 2017.
- ERVA-MATE SANTO ANTONIO. **Curiosidades sobre o chimarrão...**, 16 dez. 2015. Disponível em: <www.ervamatesantoantonio.com.br/article/curiosidades-sobre-o-chimarrao/>. Acesso em: 31 jan. 2017.
- FAGUNDES, Glênio. **Cevando mate**: no rumo de uma cultura própria. 10. ed. Porto Alegre: Editora Rígel, 1995.
- FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA. **Documentário registra a tradição do Boi de Mamão no Paraná**, 20 set. 2013. Disponível em: <www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br/noticias/documentario-registra-a-tradicao-do-boi-de-mamao-no-parana/>. Acesso em: 31 jan. 2017.
- GONÇALVES, Anderson. As danças típicas que embalam os paranaenses. **Gazeta do povo**. 28 nov. 2011. Cultura. Disponível em: <www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/retratos-parana/curiosidades/as-dancas-tipicas-que-embalam-os-paranaense-s-9jue0a0pp4t8a9q2w4u1tpk5q>. Acesso em: 28 out. 2017.
- GUIA FLORIPA. **Dança do pau de fitas**. Folclore. Disponível em: <www.guiafloripa.com.br/cultura/folclore/danca-do-pau-de-fitas>. Acesso em: 31 jan. 2017.
- HISTÓRIA do bilboquê. **UOL**. Folhinha, 20 nov. 2004. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folhinha/dicas/di20110406.htm>>. Acesso em: 31 jan. 2018.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MAPA do brincar – bolinha de gude. **Folha de S.Paulo**. Disponível em: <<http://mapadobrinca.folha.com.br/brincadeiras/regioes.shtml>>. Acesso em: 31 jan. 2017.
- MOTOMURA, Marina. Como e quando surgiu o jogo de bolas de gude?. **Superinteressante**, Saúde, 31 out. 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/saude/como-e-quando-surgiu-o-jogo-de-bolas-de-gude/>>. Acesso em: 31 jan. 2018.
- PARANÁ. Secretaria da Cultura. Museu Paranaense – Parque Histórico do Mate. **Histórico da erva-mate**. Disponível em: <www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=62>. Acesso em: 31 jan. 2017.
- SALERMO, Silvana. **Viagem pelo Brasil em 52 histórias**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2006. pp. 136, 137.
- SANTOS, Theobaldo Miranda. **Lendas e mitos do Brasil**. 15. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004. pp. 102, 103.
- TERRITÓRIO DO BRINCAR. **Brincadeiras da rua Santa Teresinha** – Parte II. Jaguarão, 18 mar. 2014. Disponível em: <<http://territoriodobrinca.com.br/brincadeiras/brincadeiras-da-rua-santa-teresinha-parte-ii/>>. Acesso em: 31 jan. 2017.
- TROPEIROS DA SOLIDARIEDADE. Projeto cultural: Erva-mate e Chimarrão. **Acampamento Farroupilha 2008**, folheto. Disponível em: <<http://tropeirosdasolidariedade.xpg.uol.com.br/ErvaMateChimarraoFolheto.pdf>>. Acesso em: 31 jan. 2018.